

Capítulo I

AS FÉRIAS

A tranquilidade havia desaparecido lá de casa. Os quatro pequenos estavam de volta do colégio e carregavam as malas aos gritos. A *Didi*, sem saber porquê, tomava parte na algazarra, gritando estridentemente.

— Tia Lia! Cá estamos! — gritava João. «Cala-te, *Didi!* Nem consigo ouvir-me a mim mesmo!»

— Minha mãe! Onde está? — chamou Dina. — Já chegámos!

A mãe, toda sorridente, apareceu logo a seguir.

— Dina! Filipe! Não os esperava tão cedo. Como estás crescida, Maria da Luz! E tu, João, parecees vender saúde!

— Pois não compreendo o motivo — riu o pequeno, dando um grande abraço à Sr.^a Cunningham. — A comida no colégio é tão má que quase não como!

— A conversa de sempre! — disse a mãe, sorrindo. «Olá, *Didi!* Ao menos cumprimenta!»

«Como está, minha senhora?», fez a catatua, com voz solene, estendendo o pé esquerdo para que a Sr.^a Cunningham lho apertasse.

— Uma nova habilidade — observou João. «Mas enganaste-te no pé, marota. Então não sabes distinguir o pé esquerdo do direito?»

«Direito, esquerdo, direito, esquerdo, direito, esquerdo», repisou a *Didi* prontamente, começando a marcar passo com muito acerto. «Um-dois, um-dois, um-dois...»

«Bem, basta», disse João, que se voltou para a Sr.^a Cunningham. — Como vai o Jaime? Também está cá?

— Era intenção dele estar aqui para vos dar as boas-vindas — respondeu a senhora. — Mas esta manhã telefonaram inesperadamente, tomou o comboio e partiu a toda a pressa para Londres.

Os quatro pequenos não ocultaram a decepção que a notícia lhes causava.

— Oxalá que não seja um trabalho que o ocupe durante todo o tempo em que estamos em casa a passar as férias da Páscoa — resmungou Maria da Luz. — Ele tem sempre uma missão secreta a cumprir quando menos convinha que a tivesse!

— Suponho que o caso não será tão sério desta vez — respondeu a Sr.^a Cunningham. — Estou à espera que me telefone de um momento para o outro, para me dizer se regressa esta noite ou não.

— Minha mãe! Abrimos aqui as nossas malas? — quis saber Dina. — Quase não podemos passar com as quatro malas na entrada.

— Sim. Mas deixem duas delas à mão depois de as despejarem. Vamos partir de férias amanhã... todos juntos!

Era uma grande novidade para os pequenos. Agruparam-se imediatamente à volta da Sr.^a Cunningham.

— Nada nos disse nas suas cartas! Para onde vamos? Porque não nos avisou?

— Na verdade, a ideia foi do Jaime, e não minha — replicou a senhora. — Pareceu-lhe que seria agradável mudar de

ares. Eu mesma fiquei surpreendida quando ele me comunicou subitamente.

— Que maneira de resolver as coisas! Nem sequer nos disse uma palavra! — exclamou Filipe. — Escute, aconteceu qualquer coisa? Parece-me estranho que o Jaime tenha resolvido levar-nos para férias assim de repente. Da última vez que falei com ele, quando foi ver-nos ao colégio, não falou noutra coisa senão no que faríamos em casa durante as quatro semanas das férias da Páscoa.

— Não considero o caso extraordinário — disse a mãe. — Já sabes que o Jaime pensa sempre nas coisas à última hora.

— Bem, mas então para onde vamos? — quis saber João, enxotando a *Didi* do aparador, onde a ave tentava tirar a tampa do boião da geleira.

— Para um sítio chamado Texuguinho — respondeu a Sr.^a Cunningham. — Um lugar muito sossegado em pleno campo. Deve agradar a todos. Vocês podem andar vestidos de qualquer maneira durante todo o dia.

— Texuguinho — murmurou Filipe. — Haverá texugos por lá? Sempre tive interesse no estudo dos hábitos dos texugos... esses bichos tão esquisitos que se parecem com os ursos.

— Bem, pelo menos andarás distraído — comentou Dina. — Suponho que o significado disso consiste em que, quando menos esperarmos, tu terás metido em casa um casal de texugos como mascote. Uh!

— Os texugos são uns bichos muito engraçados — começou Filipe. — Limpos e muito cuidadosos nos seus hábitos, e...

Maria da Luz soltou uma gargalhada.

— Meu Deus! Então não se parecem nada contigo, Filipe!

— Não me interrompas dessa maneira nem digas tantas tolices — resmungou Filipe. — Dizia eu, referindo-me aos texugos...



Mas ninguém tinha vontade de o ouvir. João estava ansioso por fazer uma pergunta.

— Haverá aves que valha a pena conhecer-se no Texugui-nho? — quis saber. — Onde fica esse sítio? Junto do mar?

Como sempre, João continuava a interessar-se por aves e sentia-se feliz só com o facto de poder observá-las. A Sr.^a Cunningham deu uma gargalhada.

— Tu e as tuas aves, João! E tu e os teus texugos, Filipe! Nada lhes posso dizer acerca dos bichos que haverá por lá. Deve havê-los de todos os géneros. Bem... vamos tratar das malas. Esvaziam-se e arrumam-se as dos rapazes lá em cima e deixamos as das pequenas para as levarmos para o Texugui-nho... visto estarem um pouco menos maltratadas.

— Poderemos comer alguma coisa depois de arrumar as roupas? — perguntou Filipe. — Estou morto de fome. Sabe, a comida do colégio é tão...

— Está bem, já ouvi dizer isso, Filipe — respondeu a mãe. — Vou preparar-vos uma magnífica refeição para daqui a meia hora... sim, do que mais gostam... fiambre, salada, sardinhas de conserva, batatas cozidas, montes de tomates...

— Que petiscos! — exclamaram todos. — Que coisas tão boas!

A *Didi* saltitou alegremente, apoiando-se num e noutro pé. «Boas coisas, boas», palrou. «Boas... boas tardes, boas noites, muito boas.»

Os pequenos começaram a desmanchar as malas.

— A *Didi* portou-se muito mal durante a viagem — informou João, tentando transportar uma enorme pilha de roupa e deixando cair metade. — Meteu-se debaixo de um banco a brincar com uns papéis de embrulhar caramelos. Pouco depois subiu um senhor muito simpático e a *Didi* meteu-lhe os papéis na dobra das calças. Se visse a cara dele quando se baixou e os viu!